

MÚSICA, LITERATURA E CINEMA, NAS ABORDAGENS DA GEOGRAFIA CULTURAL

META

Compreender como a arte expressa pelo cinema, na música e na literatura podem constituir-se como objeto de estudo para os geógrafos culturais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Compreender como podemos fazer uma abordagem geográfica da música.

Através de alguns exemplos, e a partir das diretrizes traçadas por estudiosos da música, ser capaz de identificar quais músicas são passíveis de análise geográfica e como podemos fazer um estudo destas.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 08.

INTRODUÇÃO

Prezado aluno(a), eis aqui mais alguns temas que podem ser abordados na geografia cultural: música, literatura e cinema. Veremos que por essas linguagens são expressas visões do mundo e dos sentimentos dos homens que vivem neste mundo. Podemos ver nessas linguagens diversas criações sociais e abordá-las sob a ótica da espacialidade, que interessa em especial aos geógrafos. Veremos que estes são também temas já discutidos em outras ciências sociais e que, na geografia, tardou a aparecer. Nesta aula focaremos nossa atenção no estudo da música, para posteriormente analisarmos a literatura e o cinema sob uma ótica geográfica.



LITERATURA, MÚSICA E ESPAÇO : UMA INTRODUÇÃO

Devemos neste momento nos questionarmos sobre como os geógrafos podem abordar as temáticas da literatura e da música sob um ponto de vista geográfico, calcado numa abordagem cultural. Acreditamos que podemos abordar estes temas na geografia interpretando aquilo que os poetas, romancistas e músicos elaboraram a respeito da espacialidade humana,

assim como os processos espaciais referentes às configurações espaciais : o movimento, a paisagem o território e o lugar.

Enquanto geógrafos, devemos ver a literatura e a música com um olhar distinto daqueles oriundos dos críticos e pesquisadores nas áreas de letras, música e outras ciências sociais. A primeira distinção pode ser feita na seleção das obras a serem estudadas. Somente as obras onde o espaço e o tempo constituem parte integrante da trama (e não apenas meros pano de fundo), sem os quais esta trama não poderia ser construída.

Seguindo este raciocínio, no caso brasileiro temos algumas obras que podem constituir-se em objetos de análise geográfica, como as obras de José Lins do Rego no início do século XX sobre a dinâmica da Zona da Mata nordestina.

Uma das melhores obras sobre as abordagens geográficas da literatura foi elaborada pelo geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002). Intitulado O mapa e a trama : ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas, este livro mostra diversos exemplos de obras que podem constituir-se em objetos de análise para os geógrafos brasileiros.



Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
(Fonte: <http://www.territoriogeograficoonline.com.br/site/?modulo=mat&chave=1850&mod=Artigos>)

Devemos reconhecer que os estudos geográficos abordando a literatura são quantitativamente superiores aos estudos que abordam a música na geografia cultural. Entre os geógrafos que se destacaram na abordagem geográfica da música, destacam-se G. O. Carney e L. Kong. Veremos suas principais contribuições.

Segundo Carney (2003, apud CORREA R. L. e ROSENDAHL, Z., 2007, p.9), os estudos geográficos sobre música distinguem-se entre si por privilegiarem um dos seguintes aspectos:

- a “delimitação de regiões musicais e a interpretação de músicas regionais”. Onde teríamos como exemplo a *country music* no sul dos Estados Unidos, o *reggae* na Jamaica e o forró no nordeste do Brasil;
- a análise da evolução de um estilo musical associado a um lugar específico, como se exemplifica com a música clássica em Viena, a *country music* em Nashville;
- a origem e a difusão espacial de um gênero musical, a exemplo do blues no sul dos Estados Unidos para Chicago ou do jazz dos Estados Unidos para a Rússia, por via de diversos agentes sociais e meios de comunicação;
- a análise dos elementos psicológicos e simbólicos da música como modeladores do sentido de lugar (*sens of place*);
- o impacto da música sobre a paisagem cultural: por exemplo, os espaços construídos para festivais;
- a organização espacial das atividades associadas à produção e à circulação da música, incluindo os espaços de atuação das grandes empresas;
- as relações entre música e os sentimentos “nacionalistas” e “antinacionalistas”;
- as relações com outros aspectos culturais, como a religião, os dialetos, a dieta alimentar etc.

A geógrafa Lily Kong propôs (2005, apud CORREA R. L. e ROSENDAHL, Z., 2007, p.10) além de uma classificação da produção geográfica a respeito da música, uma agenda de pesquisa composta por cinco eixos diferentes, a saber:

- a análise dos significados simbólicos;
- a música como comunicação social;
- a política cultural da música;
- a música na perspectiva econômica;
- a música na construção social da identidade.

Em relação aos estudos geográficos sobre literatura, destacamos a grande contribuição do geógrafo canadense Marc Brosseau. Seus trabalhos servem de base para geógrafos abordando o tema no mundo todo. Sua obra principal neste domínio é sem dúvida o livro que ele publicou em 1996, intitulado Des romans-géographes (Romances-geográficos). Nesta obra, o geógrafo mostra a evolução dos trabalhos que abordaram os textos literários numa perspectiva geográfica na geografia anglo-saxã e francesa, além de ilustrar como devemos interpretar as obras literárias enquanto geógrafos.

Ao analisar o histórico das abordagens geográficas das obras literárias, Marc Brosseau destaca as cinco vias trilhadas nesse domínio, quais sejam:

- como complemento à geografia regional;
- como transcrição de experiência dos lugares;
- como crítica da realidade ou da ideologia dominante;
- como história paralela;
- como parte da alteridade, o modo como o romancista capta a paisagem, o lugar e o espaço.

Uma vez mostradas as abordagens pioneiras, Brosseau inova, propondo uma mudança na maneira como os geógrafos devem abordar os textos literários. Para o autor, essas obras não mais devem ser consideradas como meros objetos, e sim como sujeitos com os quais os geógrafos devem dialogar.

Recomendamos fortemente aos que se interessam pela temática geografia e literatura, a leitura dos dois primeiros capítulos de Marc Brosseau, traduzidos para o português e publicado no livro organizado por Roberto Lobato Correa e Zeny Rosendahl: Literatura, música e espaço. Este livro compõe a coleção Geografia cultural, publicado pela editora da UERJ e coordenados pelo NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura).

Nesta aula focaremos nossa atenção aos estudos geográficos da música. Na nossa próxima e última aula, veremos como podemos abordar as obras literárias dentro da perspectiva geográfica.

GEOGRAFIA E MÚSICA

Acreditamos que a música constitui um excelente campo de estudo para podermos compreender como uma sociedade se relaciona com seu espaço vivido, seus valores, suas crenças, etc. Praticamente em todas as sociedades encontramos a música, que se difunde cada vez mais com maior facilidade.

A música está no dia a dia dos homens e, através de sua letra, podemos conhecer a identidade dos lugares. Existem músicas que descrevem o espaço vivido do presente e do passado, as quais podemos fazer uma abordagem geográfica desta espacialidade.

Através da música, conseguimos por exemplo imaginar um espaço que não conhecemos, assim como imaginar como as pessoas vivem ou viviam nele. Podemos imaginar o sertão através das músicas de Luis Gonzaga e visualizar todo o sofrimento dos que ali vivem.

A música serve de comunicação onde os homens podem expressar seus sentimentos pessoais ou coletivos em relação ao espaço em que vivem.

Uma abordagem geográfica bastante interessante da música é aquela oriunda de músicas populares. Através da investigação de músicas populares,

podemos aprofundar nossos conhecimentos sobre a cultura e a sociedade de um determinado espaço geográfico, quando abordamos os espaços onde elas se originaram ou os espaços por ela descritos ou vividos no enredo.

A geógrafa Lily Kong, da Universidade Nacional de Singapura, destacou-se entre os geógrafos que abordaram a música popular em seus estudos. Em seu artigo “Música popular nas análises geográficas” (1995, apud CORREA e ROSENDAHL, 2009, p.130), após fazer uma análise crítica das primeiras abordagens, esta geógrafa propôs caminhos para uma análise geográfica da música popular, que veremos a seguir.

A primeira sugestão da geógrafa é que seja feita uma análise dos significados simbólicos. Argumenta ela que a geografia cultural tradicional abordava apenas os aspectos materiais da cultura, negligenciando assim os significados e os valores simbólicos. Para seguir esta primeira sugestão, devemos focar sobre os simbolismos presentes nas letras, assim como sobre o papel simbólico da música na vida social. A autora serve-se do exemplo das letras das músicas *country*, que nos transmitem a nostalgia de um paraíso, simbolizada pelo desejo de um modo de vida simples, recordando-se de um lugar e de um tempo sem preocupações.

A música popular Luar do sertão (1914), de autoria de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco, bastante conhecida na interpretação de Luis Gonzaga e Milton Nascimento, constitui um grande exemplo brasileiro, pelo simbolismo presente em sua letra. Vejamos como os autores nos retratam seu espaço vivido e suas saudades:

Ai que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando
Folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão clarinho
Não tem aquela felicidade
Do luar lá do roça

Não há, oh gente, oh não
Luar como este do sertão
Não há, oh gente, oh não
Luar como este do sertão

Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata
Prateando a solidão
A gente pega na viola que ponteia
E a canção é a lua cheia
A nos nascer no coração

Coisa mais bela neste mundo não existe
Do que ouvir-se um galo triste
No sertão, se faz luar
Parece até que a alma da lua é que descanta
Escondida na garganta
Desse galo a soluçar

Ai, quem me dera que eu morresse lá na serra
Abraçado à minha terra
E dormindo de uma vez
Ser enterrado numa grota pequenina
Onde à tarde a sururina
Chora a sua viuvez

A segunda sugestão de Kong seria de abordarmos a música como comunicação cultural. Devemos enquanto geógrafos ver a música como diálogos sociais. Neste sentido, a música é considerada como sendo um meio de comunicação que reflete o contexto sociocultural no qual ela está inserida.

Tomemos como exemplo a música interpretada por Bezerra da Silva: “Eu sou favela”. Vejam na sua letra como são expostos os contextos socioculturais das favelas do Rio de Janeiro:

“ Em defesa de todas as favelas do meu Brasil,
aqui fala o seu embaixador”

A favela, nunca foi reduto de marginal
A favela, nunca foi reduto de marginal

Ela só tem gente humilde Marginalizada
e essa verdade não sai no jornal

A favela é, um problema social
A favela é, um problema social

Sim mas eu sou favela
Posso falar de cadeira
Minha gente é trabalhadeira
Nunca teve assistência social
Ela só vive lá
Porque para o pobre, não tem outro jeito
Apenas só tem o direito
A um salário de fome e uma vida normal.

A favela é, um problema social
A favela é, um problema social.

A terceira proposta de Kong versa sobre a política cultural da música. Neste sentido, devemos focar nossa atenção nos produtores de música, ou seja, como eles agem num contexto político-econômico-social com intenções particulares. Quais sejam as intenções dos produtores, ideológicas, de resistência ou protesto, ou até mesmo aumentar os lucros, todas podem ser passivas de análises na geografia.

Podemos assim fazer uma análise do uso ideológico que se pode fazer da música. Vejamos a letra da música Pra dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré:

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(2x)

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(2x)

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição:
De morrer pela pátria
E viver sem razão...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(2x)

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não...

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(4x)

Esta música, com caráter ideológico de resistência, chegou a ser proibida no Brasil durante a ditadura militar. A melodia possui um ritmo parecido com um hino e incentivou brasileiros a cantarem nas ruas como protesto contra os militares.

Podemos através de interpretação desta letra, questionarmos sobre o contexto social e político do Brasil no momento em que ela foi criada

e aceita pelo público brasileiro. Várias interpretações são possíveis, assim como as abordagens que podemos dela fazer. Pode-se fazer uso atualmente das músicas oriundas das periferias das cidades, como certos funks que reivindicam direitos de cidadania das massas desfavorecidas da sociedade.

O quarto direcionamento proposto por Kong visa a análise da economia musical. Neste sentido, a indústria musical pode ser examinada em inúmeras direções. Podemos analisar as motivações econômicas subjacentes à produção musical, como por exemplo a criação de empregos, o surgimento de receita de exportação, a propaganda que atrai investimentos...

A empresa japonesa Sony, por exemplo, investe maciçamente na indústria musical e cinematográfica, com o objetivo de garantir um vasto mercado consumidor de suas tecnologias.

Por último, Kong propõe a análise da música e da construção social de identidades. A autora afirma que a música, como uma forma de comunicação cultural, é um meio pelo qual identidades podem ser construídas e/ou destruídas, sejam elas nacionais, de gênero, étnicas, religiosas e outras quaisquer. A análise do papel da música na (des)construção de identidades interessa fortemente aos geógrafos culturais.

O ritmo do forró e suas letras é um bom exemplo de uma identidade compartilhada dos nordestinos no Brasil. Embora haja algumas diferenças dentro da região nordeste, podemos afirmar que este gênero musical expressa uma identidade regional: a nordestina.



Forró: típico do nordeste brasileiro.

(Fonte: <http://plugcultura.wordpress.com/2010/07/12/forro-no-domingos-culturais>)

Outro exemplo a ser citado é o processo de afirmação do negro no Brasil, que se iniciou com a difusão do congo (no período colonial) e, posteriormente, através do samba.

CONCLUSÃO

Conforme visto nesta aula, os temas abordados em geografia cultural são abrangentes e vêm crescendo ao longo do tempo. Temas como música e literatura foram abordados por geógrafos desde a afirmação da geografia cultural nos Estados Unidos, porém, com a renovação da geografia cultural, as abordagens desses temas sofreram variações.

Embora os estudos geográficos da música sejam pouco numerosos no Brasil, sua importância na geografia mundial já foi reconhecida. Esperamos que em breve surjam mais contribuições aqui no Brasil, principalmente sobre a música popular nordestina, que é lamentavelmente pouco estudada pelos geógrafos brasileiros.

RESUMO

A geografia cultural renovada, ou “nova geografia” apresenta uma vasta gama de temas a serem abordados pelos geógrafos. Temas como música e literatura, que antes só interessavam aos críticos literários e musicais, aos antropólogos, sociólogos e historiadores, estão sendo explorados por geógrafos no mundo todo.

As abordagens por vezes diferenciam, fato que só contribui para a afirmação desses estudos na academia, mas eixos principais podem ser extraídos. Grosso modo, podemos afirmar que a música nos revela muito sobre o homem e sobre a sua relação com o meio em que vive, constituindo-se assim como um tema que pode e deve ser abordado pelos geógrafos.

ATIVIDADES

Procure uma música de seu agrado e mostre como e porque ela pode ser analisada sob uma ótica geográfica.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Aqui no nordeste do Brasil podemos selecionar vários gêneros musicais para serem analisados sob uma ótica geográfica. A história de sua gênese, evolução e difusão também contribuem para o entendimento das relações do homem com o meio em que este vive. Tomamos como exemplo o forró, as bandas de pífano e o axé, que de maneira diferente ilustram identidades e nos fazem imaginar o espaço vivido do enredo.





AUTO-AVALIAÇÃO

Depois de ter lido todo o conteúdo exposto nesta aula, você deverá ser capaz de selecionar quais músicas são passíveis de serem analisadas sob uma ótica geográfica e justificar sua escolha. Você deverá ter condições de argumentar os motivos de sua seleção.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, veremos como podemos abordar a literatura e o cinema na geografia. Assim como a música, estes temas constituem um fascinante campo de investigação para o geógrafo. Veremos quais foram os principais estudos realizados, assim como os principais conceitos utilizados. Exemplos de filmes e romances brasileiros serão colocados em cena para ilustrar como podemos fazer destes um objeto de estudo.

REFERÊNCIAS

- BROSSEAU, Marc. **Des romans-géographes**. Paris, L'Harmattan, 1996.
- CARNEY, George. Música e lugar. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2007, p. 123-150.
- CASTRO, Daniel de. “ Geografia e música: a dupla face de uma relação”. in **Revista Espaço e Cultura**, n. 26, p. 7-18. Rio de Janeiro, UERJ, 2009.
- CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). “Literatura, música e espaço: uma introdução”. in **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2007, p. 7-16.
- KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2009, p. 129-175.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis, EDUFSC, 2002.